

SILVA, Hélio R. S.

Travestis entre o espelho e a rua.

Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2007.

Por Leilah Landim⁽¹⁾

Uma etnografia na Lapa - fragmento, montagem e sentido social.

Quem são esses homens que adotam nomes de mulher, recusam suas características masculinas e transformam seus corpos com eletrólise, hormônio e silicone? O que fazem quando o dia avança sobre as madrugadas incertas? Quem são suas famílias e seus amores? Como lidam com o preconceito, a curiosidade, o desejo e a expectativa de transeuntes, fregueses, vizinhos, familiares e companheiras de aventura existencial?

A quarta capa do livro *Travestis entre o espelho e a rua* anuncia perguntas e personagens que freqüentaram os trajetos de Hélio R. S. Silva², em sua etnografia sobre travestis que "batalham" na Lapa, área central da cidade do Rio de Janeiro. O autor fez inicialmente um trabalho de campo no local com objetivos práticos, para subsidiar um programa de combate à AIDS do Ministério da Saúde. Continuou a observação participante, produzindo posteriormente livros e trabalhos sobre o assunto que são revisitados, modificados e remontados no atual volume publicado pela Rocco.

Entes "bizarros e raros", a novidade é que os travestis, nos últimos 40 anos— como nos mostra o autor— saíram da órbita do espelho para se tornarem personagens com inscrição social reconhecida, contando com um lugar entre seres e coisas das cidades por onde circulam e estabelecem intensas relações.

Atores sociais com os quais todos cruzam, os travestis parecem ao mesmo tempo distantes e exóticos. A proximidade nunca chega à familiaridade e a contigüidade não diminui a distância simbólica. Em seus percursos já banalizados, circulam como enigmas que, embora jamais decifrados, são encarados como ridículos e gratuitos.

⁽¹⁾ Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado pelo mesmo programa e pós-doutorado no Centre D'Etudes des Mouvements Sociaux, EHESS, Paris, França. Atualmente é professora da Escola de Serviço Social da UFRJ.

² Hélio R. S. Silva, professor adjunto (aposentado) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Basicamente, a etnografia descreve e interpreta o dia-a-dia desses atores. As pequenas tarefas que a vida quotidiana requer, o trabalho, suas atividades de lazer, seus locais de moradia, suas redes interativas. Talvez, no texto, a moldura de tudo isso termine sendo o mais importante, isto é, suas relações com a sociedade abrangente. Esta, ao mesmo tempo que lhes oferece os clientes dos quais vivem e os profissionais que tornam possível a metamorfose (depiladores, aplicadores de silicones, cabeleireiros etc.), os estigmatiza como ridículos e os tange para a infra-cidadania.

Explorando as tensões geradas pelas polaridades perto-distante, conhecido-desconhecido, familiar-exótico, o autor se aproxima da personagem, mapeia seu universo e organiza seu quotidiano. É dessa perspectiva elementar que se descortina um painel composto por pequenas histórias. São histórias que ouviu de seus personagens, mas sobretudo histórias das quais participou e que constituem a amostragem a partir da qual descreve e interpreta aquele estilo de vida. Estão distribuídas entre tarde, noite e manhã, divisão que corresponde à própria estrutura do livro. De certa forma essa atenção concedida à rotina e ao seu caráter episódico funciona como um elemento decisivo na aproximação, pois organiza o material extraído do ser "bizarro" em um registro no qual a bizarria, o exótico e o estranho são progressivamente desconstruídos. Fala o autor:

... a intenção aqui não foi a de tentar o panorama, para extrair regularidades a partir da comparação. O panorama perde o contexto, o detalhe e a circunstância. E são exatamente a circunstância miúda, o pequeno detalhe e o contexto as instâncias humanizadoras por excelência contra todas as disposições preconceituosas e etnocêntricas, sempre generalizantes, generalizadoras e generalistas. É, portanto, exatamente imersão no detalhe que permite o conhecimento do outro (p. 30).

No trabalho etnográfico realizado por Hélio Silva, um recurso decisivo nos procedimentos de aproximação do objeto é a exploração das possibilidades demonstrativas das técnicas de montagem. Ao longo do texto, algumas histórias encontram seu sentido naquilo que lhes sucede. Um tema interrompido é retomado, investido de informações adicionais contidas nos episódios intermediários. A montagem ordena e confere sentido aos fragmentos, pelas tensões produzidas pela oposição, pelas cadeias de associação geradas pelas semelhanças e proxi-



midades, pelos desvios que introduzem novos temas e questões. O etnógrafo recolhe este ou aquele fragmento, aproxima um de outro, ora pelo contraste, ora pela afinidade em busca de um sentido para aqueles personagens e o lugar que ocupam na sociedade que os rejeita. Montagem peculiar, porque feita do material tosco do diário de campo. Um processo interpretativo que frequentemente abandona a retórica usual e investe na ordenação/embaralhamento das cartas em jogo, ora trazendo à luz seu objeto, ora o mantendo na obscuridade, partilhando com o leitor mistérios candentes e como questionando a possibilidade de um controle completo do universo observado e vivido. "... Não cheguei nem perto do fundo da questão". Essa citação de Clifford Geertz, na epígrafe do livro, anuncia inspirações teóricas.

Esse deslocamento através da seqüência factual dos episódios não impede que vez ou outra Hélio R. S. Silva se derrame em longos trechos interpretativos. A presença do autor nesta etnografia parece intermitente. É como se o autor, face à velha discussão sobre presença/ausência do etnógrafo no texto, evitasse a opção por uma ou outra possibilidade, manipulando as duas em função de circunstâncias específicas.

Essa montagem de pequenos feitos se organiza sempre em contraposição ao contexto da sociedade mais ampla e, daí, vai adquirindo novos contornos. A tensão gerada pela contraposição (expectativas e reações dos personagens e instituições situadas nas interfaces dos guetos dos travestis) termina por re-significar o material etnográfico.

A questão da ambigüidade é central em todo o trabalho, desde a trajetória dos personagens (homem?, mulher?), passando pelo cotidiano social (verdade?, mentira?) e chegando até a diluir sólidas fronteiras (natureza?, cultura?).

O universo exótico e encapsulado expande-se e introduz novas questões. Ao fim da leitura, algumas perguntas: trabalho sobre um grupo estigmatizado ou sobre o significado e as implicações dos papéis de gênero em nossa sociedade? Trata-se de um livro sobre travestis ou sobre as relações de gêneros? Nesse sentido, o texto termina com uma reflexão sobre as implicações gerais do movimento feminista, suscitada pelo material etnográfico.

Fragmento e montagem, sentido e circunstância, o episódico e o significado

social. Diante do texto, somos remetidos a uma última ambigüidade: este é um texto sobre travestis ou sobre etnografia? O travesti aqui é tema ou pretexto?

O trabalho de Helio R. S. Silva é um exercício sobre a apresentação de resultados de pesquisa etnográfica. Traz também, portanto, uma discussão sobre as propriedades do texto em ciências sociais, quando está em causa a observação participante e a pesquisa qualitativa, cujo material bruto chega até o etnógrafo sob as formas de relatos, falas, histórias contadas ou presenciadas, personagens, enfim a mesma matéria-prima da dramaturgia, do romance, do cinema de ficção. Com propósitos inteiramente diversos e comprometido com métodos, técnicas e conceitos, o etnógrafo talvez pudesse investir mais nas possibilidades que a tradição ficcional lhe oferece, sem com isso correr o risco de perder sua própria identidade.

Finalmente e por tudo o que foi dito, esse exercício analítico e textual –navegando pelos limites da identidade e do desejo que atravessam seu objeto– está impregnado de empatia por esse "outro" abordado. Parece cumprir o que pretende, uma "contribuição para o exercício civilizado da convivência em nossa cidade" (p. 30), devolvendo-nos "aos fundamentos éticos da antropologia, um esforço no sentido de um discurso eficaz contra a intolerância."